



Crise sistémica, ofensiva adulta e poder juvenil

Novembro de 2009

Alexandre Rios (Membro da Mesa Nacional de BRIGA)

Em diversos meios de contra-informaçom tem-se reflectido muito sobre as novas perspectivas que abre a crise do capitalismo em curso, que por umha parte rubricou o fim de um ciclo dourado para a expansom do Capital e pola outra elevou a sua predaçom violenta a quotas inimagináveis até há só umhas décadas. Nestes artigos e ensaios há um claro consenso em várias questons, especialmente na que agoira umhas convulsions traumáticas e brutais cujas conseqüências a longo prazo som polo de agora extremamente incertas. A realidade demonstrável que constatamos é que o capitalismo atravessa umha crise de proporçons desconhecidas, sem antecedentes na história deste modo de produçom e que, previsivelmente, conformará cenários de luta (e portanto de violênci e opressom) desconhecidos até a data.

Um dos factos que descobre mais claramente que a situaçom é esta é que os próprios instrumentos da Ditadura do Capital se tenhem pronunciado com verdadeiro medo sobre esta trovoada que ameaça com afundir o barco capitalista, que da singradura para o fim da história passou sem transiçom aparente a sulcar mares desconhecidos sobre simas abisais, onde espreitam terrores inomeáveis. Neste senso, realizárom-se as declaraçons de Paul Volcker, ex-presidente da Reserva Federal estado-unidense durante os mandatos de Jimmy Carter e Ronald Reagan, que afirmou que a profundidade da crise actual supera com muito a desatada com o crack de 1929. Esta afirmaçom, além de enfrentar-se de pleno com as vozes dos "especialistas" dos diferentes governos, racha com a tónica habitual do capitalismo de mentir e escamotear a gravidade dos acontecimentos através das suas empresas de comunicaçom. E isto só se entende porque a alta burguesia, esse reduzidíssimo clube conformado polos amos do mundo, está assustada. Esta tese foi recentemente confirmada polas declaraçons de umha outra peça basilar do capitalismo, esta vez do FMI, que através do seu director gerente Dominique Strauss Kahn comunicou ao mundo que a actual situaçom económica mundial é "extremamente grave", prognosticando umha "recessom global" e advertindo do "perigo de distúrbios sociais que ameacem às democracias e degenerem em conflitos".

Nom há tempo nem espaço para nos estendermos sobre como os governos do centro capitalista, nomeadamente EUA, UE e Japom (além da China, Índia e outros países), se lançárom a tentar encher o vazio que deixou a gigantesca bolha de especulaçom parasita (valorizada em mais de 20 vezes o Produto Bruto Mundial) com um incessante desvio de fundos públicos para as arcas de bancos, empresas, sociedades de investimento, seguradoras e outros especuladores artífices da bolha



financeira, cujo estourido concorreu em gravidade com outras crises simultâneas (militar, tecnológica, ecológica, política, social, alimentar, etc.) que provocáram o "caos levemente ordenado" actual. Baste assinalar que no Estado espanhol este accionar tomou a forma do Plano E, que além de repetir o esquema citado, está a investir a maioria dos esforços em manter com vida o agónico sector da especulação imobiliária durante mais uns meses, também pola via da injeção de liquidez do erário público a fundo perdido.

Ofensiva do Capital contra a juventude e as mulheres

Neste contexto de grande risco de explosividade social, o Capital e os seus gestores políticos precisam de exercer umha quádrupla estratégia: Insuflar oxigénio ao decrépito coração do sistema pola via de potencializar a economia submersa (tráfico de armas, prostituição, drogas, escravidom, especulação), reactivação económica através da guerra (as principais potências imperialistas já estão a tomar posições para um possível confronto); socialização dos custos da crise que a burguesia provocou, e redobro dos mecanismos de violência contra as classes trabalhadoras, com o intuito de as manter anuladas e sumidas na aceitação da derrota; incapazes de cheirar os suores frios dos burgueses e reagir.

No âmbito europeu, que já era baluarte e berço da opressom e a violência modernas quando os EUA eram apenas um chaval a brincar às torturas, é fulcral incrementar a repressom e opressoms de todo o tipo sobre os sectores mais agredidos pola dominação do Capital: A juventude e as mulheres. Mas, ao mesmo tempo, é imprescindível torná-los imperceptíveis. Isto consegue-se por duas vias simbioticamente complementares.

A primeira, elevando de um modo brutal a potência dos mecanismos que convertêrom as mentes de amplas massas de jovens em enormes macro-cárceres, invisibilizando assim a sua opressom cada vez mais violenta.

É esta a razão de que se reforce o culto ao autoritarismo reproduzido e fomentado nas escolas, institutos, universidades, centros de trabalho, nos bares e zonas de marcha, nas ruas, na casa, na família, nas relações pessoais, etc. O submetimento ao poder reflecte-se na aceitação acrítica do mandato imposto pola violência ou pola ameaça de a exercer, quer por parte do professor, gerente, encarregado, capataz, segurança privado, polícia, porteiro, pai, companheiro, marido, noivo, etc.

Merece especial atenção o papel do poder adulto na assunção do autoritarismo por parte d@s jovens, que já desde a infância e sobretudo nas mulheres consegue imprimir as formas em que encaixarão as futuras estruturas de dominação. Esta supeditação ao líder da família patriarcal é fulcral para a criação de futuros obreiros dóceis, mulheres submissas, jovens mentalmente castrados que aceitarão sem se rebelar qualquer agressom, seja esta um ERE, umha admoestação do encarregado, pressoms do companheiro para ter relações sexuais, imposições paternas para conseguir um trabalho que nom permite a militância, etc. O alargamento do poder adulto é imprescindível para curto-circuitar a resposta juvenil à crise em curso.



Também devemos falar da crescente militarização social, que é especialmente importante nas nações oprimidas do Estado espanhol, que desde a reformulação do franquismo na transição tinha como um dos principais objetivos apagar das novas gerações a memória do genocídio e das torturas perpetradas pelo exército e a polícia durante quarenta anos. A paulatina lavagem de cara, unida a uma multimilionária campanha de marketing deu em que na actualidade um sector importante da juventude galega não veja o militar, o polícia, o funcionário de prisões, o porteiro ou o segurança privado como um mercenário a soldo de um Estado ocupante, ou nos dois últimos casos como um simples mercenário. Outros sectores não politizados abrigam certas renúncias e desconfianças intuitivas, mas que em muitas ocasiões são vencidas pela falta de um discurso social suficientemente amplo que denuncie o papel do exército, das polícias local e nacional, do funcionariado de prisões, e a tentativa do Estado espanhol de integrar a juventude trabalhadora nestas funções repressivas pela via da miséria e a impossibilidade de atingir umas condições de vida material dignas.

Os factores mencionados, além doutros sobre os quais agora não podemos fazer uma análise em profundidade, como o negócio do desporto de massas, o ócio alienante ligado às drogas e à evasão, a ofensiva do espanholismo fanático contra os povos oprimidos ou os ataques do integrismo cristão-católico contra os direitos democráticos da mulher ao aborto livre; favorecem a penetração do fascismo e o neofascismo entre a juventude, o que neste contexto de crise tem um papel impagável como vacina reaccionária que evite a propagação da "epidemia" da emancipação juvenil. O aumento do racismo, a homofobia e o machismo entre a juventude galega não é mais do que uma consequência deste processo, produto de uma estratégia planeada tempo atrás que agora em tempo de crise é selvagemmente acelerada para amortecer possíveis efeitos não desejados, como o avanço da alternativa socialista.

A segunda das vias para invisibilizar os efeitos da crise é a externa ou, o que é o mesmo, carregar à juventude que na expansão neoliberal só viu o crescimento económico nos telejornais com o grosso dos custos da crise, mas disfarçando-o com diferentes métodos através das televisões, rádios, Internet, jornais, revistas, declarações institucionais, publicidade empresarial, estudos económicos pseudo-científicos, produções universitárias ao serviço do sistema, etc.

É central o papel das empresas de comunicação, que estão a diminuir o descontentamento social e sobretudo difundir a insustentável teoria burguesa da crise passageira, que defende que a economia já está a mostrar sintomas de recuperação. O exemplo mais evidente é o do pequeno repontar da contratação no Verão, ligado ao sector turístico e ao trabalho temporário amplamente ocupado por jovens, mas que não modifica em modo nenhum a realidade dum desemprego em acelerado ascenso. Assim, registos históricos de desemprego são maquiados nas estatísticas excluindo dos números parte dos desempregados, emitem-se hipócritas comparações com o resto do Estado passando por alto o peso decisivo da economia submersa na Galiza, ou ignorando que a percentagem de desocupação não sofreu uma subida tão forte como a espanhola, ao ser já das mais altas do Estado previamente à crise, para não mencionar as dúzias de milhares



de jovens galeg@s que se vírom obrigad@s a abandonar a Galiza para encontrar trabalho, e que em caso de viverem no País engrossariam as filas do INEM. Outras notícias como a “queda dos acidentes laborais na Galiza” som tam fáceis de explicar como que a menos número de trabalhadores/as, menos possibilidades de ter acidentes laborais.

Se quigermos comparar dados com certo rigor, haverá que lembrar que a Galiza é a segunda comunidade autónoma com um maior número de desempregad@s que nom cobra ajudas de nengum tipo, em concreto 40% (face aos 28% espanhóis). Quer dizer, que quase umha em cada duas pessoas no desemprego esgotou já o subsídio ou nom quotizou o suficiente para o cobrar, e vive na actualidade desprovis@ dos meios mínimos para assegurar a subsistência. Mas nom só: Para os optimistas subsidiados de Sam Caetano e a Moncloa, haverá que dizer também que essas 84.000 pessoas (na realidade muitas mais porque tomamos as estatísticas trucadas) tenhem poucas ou nulas possibilidades de encontrar emprego. E neste contexto, a juventude e sobretudo as jovens, som as vítimas mais desprotegidas: A nossa taxa de desemprego duplica a global, sendo @s primeir@s a sermos despedid@s e @s que mais dificuldades temos para encontrar novos trabalhos, muito mais as jovens que além disso cobram muito menos polas mesmas horas.

O panorama é, pois, desolador; as previsons de agravamento da incertidom vital ligada a umha queda brutal das condições de vida, com grandes massas de jovens que nos veremos arrastadas à pobreza absoluta e relativa e que engrossaremos as superpovoadas prisons por delitos que já están a proliferar no País (pequenos furtos de comida, combustível e assaltos de pouca importância). Começa também a repontar a prostituiçom de jovens galegas nom ligada às drogodependências e sim à miséria, e com certeza amplos sectores destas mulheres vam ver-se forçados a seguir este caminho no futuro ou a entregar a sua liberdade e aceitar a dependência económica do marido/noivo/companheiro e a sua violência. O retorno d@s jovens emigrad@s que están a perder o seu posto de trabalho e nom o recuperarám e a caducidade a curto prazo do emprego fictício que criou o Plano e acabam de completar o quadro. As portas están a fechar-se umha após outra, e o desespero provocado pola crise está a criar um trauma psicológico colectivo, que perante este beco sem saída elevou o consumo de ansiolíticos ao segundo posto no ranking de drogas farmacêuticas mais consumidas pola juventude galega.

O poder juvenil como autodefesa contra a crise capitalista

Todo conceito tem o seu contrário que o define, e o poder adulto, esta opressom propriamente juvenil com os seus conteúdos de sexo-género, nacional, e de classe; nom é umha excepçom. Frente a umha estrutura de dominaçom que ancora os nossos processos conscientes e inconscientes à lógica da submissom, a juventude nom tem outro caminho que defender-se com o contra-poder juvenil.

A auto-organizaçom e autogestom da juventude, o combate na casa contra a imposiçom do pai e a família, a resposta nos centros do ensino ao todo-poderoso professorado, a reivindicaçom da validez das apostas juvenis no seio das próprias



organizações revolucionárias "adultas", a criação de um movimento social dentro das massas obreiras que visibilize a gravidade específica dos ataques à juventude, da sua precarização vital estrutural, a entrada da juventude em espaços de decisão política, e a estruturação de um movimento juvenil de massas que supere a actual fragmentação e sectarismo e que atinja um grau de desenvolvimento superior que a mera soma das partes som alguns dos reptos que a criação desse poder juvenil requer.

Este poder dos jovens vai além da denúncia, e incluso da defesa da juventude diante das agressões provocadas pela crise. Para tal, precisamos não só de um movimento juvenil criativo, vivo e emergente, auto-organizado e com capacidade de intervenção, simbioticamente relacionado com o tecido social e político, autoconsciente das forças próprias e da necessidade de as usar, não só uma presença decisiva de organizações revolucionárias que assumam a necessidade deste poder e o apliquem na prática, mas uma aposta estratégica na ruptura em todos os âmbitos com o poder adulto, ligado a uma proposta revolucionária que tenha na independência nacional, a alternativa socialista e a destruição do patriarcado as suas linhas de força. Só cumprindo estas premissas é possível o início de uma contra-ofensiva que nos devolva o papel que temos como o futuro da revolução neste país. Só assim existirá a possibilidade real de impedir uma reforma laboral, de exigir e atingir êxito na reivindicação de uma vivenda digna, de combater o terrorismo machista com a sua mesma medicina, de conquistar espaços auto-geridos por e para a juventude, emancipados da supervisão adulta.

Estas devem ser algumas das metas a médio prazo. Não devemos esquecer que a iminente queda das condições de vida podem favorecer saltos qualitativos no nível de consciência das massas, na auto percepção que os jovens temos do que é possível e não é possível conseguir com luta. Mas este cenário necessário não vai cair do céu. O capitalismo não vai derrubar-se sobre ele próprio e a crise pode ser prelúdio de uma era de exploração como ainda não se viu na história da humanidade. A possibilidade do avanço do fascismo e do neofascismo é uma realidade palpável a que a juventude trabalhadora deve fazer frente. A nossa criminalização crescente pelo poder adulto inerente ao patronato, aos corruptos partidos políticos governantes, à polícia e ao exército é um ataque constante que chega de todas as frentes; e que mina a nossa capacidade de intervenção.

É obrigação nossa deixar de lado lastros que só nos condenam a uma miséria certa nos próximos anos, como são o individualismo egoísta, a comodidade militante ou a desonestidade na hora de encararmos a luta. Não podemos priorizar os nossos desejos e ritmos ao pulso da história e, nesta altura, os jovens e os jovens organizados na Galiza enfrentamos um repto enorme, do qual só os jovens que venham depois de nós poderão avaliar se estivemos à altura.